



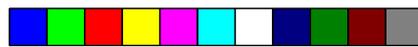
Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo:

Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação
do Espaço Urbano



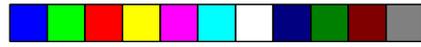
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC)





:





Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo:

Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação
do Espaço Urbano



Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
da Universidade Federal de Santa Catarina



Florianópolis (SC) - 2023





Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Abreu, Miriam Santini de
Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo :
Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação do Espaço
Urbano / Miriam Santini de Abreu, Viviane Vedana,
Priscila Oliveira dos Anjos ; orientador, Viviane
Vedana, 2023.
46 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia Urbana. 3.
Etnografia. 4. Jornalismo. 5. Espaço Urbano. I. Vedana,
Viviane. II. Anjos, Priscila Oliveira dos. III. Vedana,
Viviane. IV. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. V. Título.

Foto de capa: Warley Alvarenga



Sumário

Cidade, tempos cruzados e sociabilidades diversas: o olhar do antropólogo com as solicitações do andar à deriva _____ **09**

As grades invisíveis da Avenida Hercílio Luz _____ **29**

Uma etnografia da espera: os agenciamentos do tempo pelas pessoas em situação de rua da Avenida Hercílio Luz _____ **34**

Na ‘Luz quem ilumina o cenário são os personagens _____ **41**





Apresentação

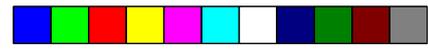
Os artigos aqui apresentados resultam do minicurso “Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo: Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação do Espaço Urbano”, oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC em novembro de 2022 pela professora Viviane Vedana, pela pós-doutoranda Míriam Santini de Abreu e pela doutoranda Priscila Oliveira dos Anjos.

O minicurso teve dois momentos: aulas teóricas e saída de campo na Avenida Hercílio Luz, no Centro de Florianópolis. Na sequência, cinco participantes toparam a proposta de escrever sobre a experiência e as reflexões dela decorrentes, compondo os quatro artigos deste trabalho.

O ensaio de Celina Limeira Centena e Manu Rocha de Matos analisa a educação da atenção do antropólogo inserido em contextos urbanos, apontando a importância da caminhada à deriva como instrumento de pesquisa exploratória para todos aqueles que buscam construir conhecimento experimentando e praticando a cidade. Já Elizabeth Calderón aborda questões históricas relacionadas às mudanças na Avenida Hercílio Luz. O artigo de Guilherme Vasconcellos Leonel indica caminhos para uma etnografia da espera entre os indivíduos em situação de rua na avenida, e Warley Alvarenga apresenta um roteiro fotográfico de momentos e personagens que despertaram atenção na saída de campo.

São quatro belos exemplos de como a relação entre disciplinas enriquece a reflexão sobre o cotidiano e a pesquisa acadêmica.

Boa leitura!





Cidade, tempos cruzados e sociabilidades diversas: o olhar do antropólogo com as solicitações do andar à deriva

Celina Limeira Centena – graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

Manu Rocha de Matos – mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, Bacharel (2021) e Licenciado (2022) em Ciências Sociais pela mesma instituição.

RESUMO

Este texto de estilo ensaístico é o resultado técnico da proposta de reflexão do minicurso “Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo: Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação do Espaço Urbano”, ministrado pela professora Viviane Vedana, pela pós-doutoranda Míriam Santini de Abreu e pela doutoranda Priscila Oliveira dos Anjos, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O trabalho teve por objetivo refletir antropologicamente acerca de uma caminhada na Avenida Hercílio Luz, no centro de Florianópolis. As análises da experiência estão fundamentadas nos estudos de antropologia urbana em diálogo com discussões do campo sobre o fazer antropológico e suas técnicas e métodos de investigação de práticas socioespaciais. Assim, o escrito aborda questões que vão desde a domesticação teórica dos sentidos, representando a educação da atenção do antropólogo inserido em contextos urbanos, até o apontamento da importância da caminhada à deriva como instrumento de pesquisa exploratória para todos aqueles que buscam construir conhecimento experimentando e praticando a cidade.

INTRODUÇÃO

Para o transeunte apressado, absorto em seus próprios pensamentos e preocupações da vida cotidiana, o espaço público da cidade pode assemelhar-se a um apanhado de fluxos e movimentos desordenados e caóticos,



como uma pintura viva onde a tonalidade cinza do concreto dos prédios e a cacofonia de sons se impõem como uma onda selvagem e gigantesca prestes a engolir e descaracterizar toda espécie de organização cultural que se encontra em seu caminho. Esse processo de dessensibilização aos estímulos excessivos das práticas sociais e da paisagem como produto de ambiência, onde formas, imagens, sons e cheiros ajudam a criar a identidade imagética de um lugar, representa um tipo de defesa contra a *intensificação da vida nervosa* que é o “fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades da cidade grande” (SIMMEL, 2005, p. 577).

Segundo Simmel, aprender a defender-se da opressão dos estímulos urbanos é resultado de um longo percurso de desenvolvimento humano e da racionalização da vida moderna com suas relações sociais cada vez mais mediadas pela economia monetária. Neste sentido, o aspecto anímico das interações, alicerçado nas individualidades, começa a dar espaço às relações de entendimento, onde sujeitos transformam-se em números, elementos sem significados humanísticos, apenas “interesse e capacidades consideráveis objetivamente” (SIMMEL, 2005, p. 579). Portanto, em diversos casos, caminhar pela cidade não passa de um exercício corriqueiro do cotidiano onde ocorre a despersonalização dos sujeitos ao nosso redor e, muitas vezes, de nós mesmos que cumprimos papéis cujas estruturas sociais – família, trabalho, educação, etc - se apresentam como o fator de um “esquema temporal fixo e supra-subjetivo” (SIMMEL, 2005, p. 580) de nossas ações.

No entanto, mesmo com o destaque das relações de entendimento, o fenômeno anímico que se sobressai como inerente à cidade grande é o caráter blasé de seus praticantes, porque esse aproxima-se logicamente às operações da racionalização e impessoalidade, consequência dos estímulos nervosos altamente afetados em suas alterações constantes que se “condensam em seus antagonismos” (SIMMEL, 2005, p. 581). Para romper com tal comportamento em relação à cidade e seus fluxos, movimentos e circuitos, podemos nos valer de algumas ferramentas teórico-conceituais da antropologia durante uma das atividades mais ordinárias do cotidiano: caminhar pelas ruas e calçadas do espaço público.

Nesta perspectiva, devemos ter em mente que o que mais interessa à antropologia urbana são as situações e relações do espaço como tempo, usos e práticas (DELGADO, 2007), ou as *formas de sociabilidade* que

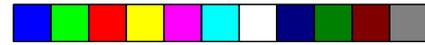


configuram a *poética urbana* (SIMMEL; SANSOT *apud* VEDANA, 2013). Em outras palavras, o que se busca são os *encontros* sociais efêmeros, pontuais, e os *deslocamentos* (DELGADO, 2007) que instituem uma marca, um “relacionamento entre identidades” (AGIER, 2001, p. 9), ou até mesmo um momento de reconhecimento para os praticantes da cidade em torno de contextos sociais determinados em eventos do dia-a-dia, onde a noção de identidade também pode ser atribuída a um lugar que “surge da intersecção entre seu envolvimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e a sua construção cultural como comunidade ou localidade” (GUPTA e FERGUSON, 2000, p. 34). Outra dimensão que pode ser abordada num relato etnográfico da cidade é aquela que diz respeito às idealizações, algumas vezes questionáveis, do espaço público como lugar de livre acesso, contestação, exercício da cidadania (CALDEIRA, 2003), onde o embate entre alteridades revela uma trama complexa e heterogênea que pode se desdobrar em coexistências harmônicas, ou não, reguladas por acordos e negociações. Nestas diversas maneiras de perceber e narrar a cidade, o tempo, os processos de territorialização e desterritorialização e os encontros que instituem momentos de sociabilidade são elementos que podem nos fornecer pistas importantes se nosso interesse de pesquisa estiver na investigação das práticas do cotidiano.

O OLHAR DO ANTROPÓLOGO E A CIDADE

Mas, afinal, o que distingue as impressões do antropólogo do olhar das demais pessoas que praticam a cidade? Como é possível *observar o familiar* (VELHO, 1978), estranhar as evidências e o conforto de nossa *razão prática* (SAHLINS, 2003), e compreender as representações simbólicas, a teia de significados, daquilo que já julgamos conhecer muito bem? Para responder tais indagações, devemos primeiro estabelecer alguns pontos acerca da relação entre antropologia e etnografia, pensando o fazer antropológico para além de suas intenções de pesquisa, escolha de objeto e da sistematização de conversas e temáticas.

O que o antropólogo faz, o seu produto consagrado, é a etnografia, que pode ser entendida sob diferentes perspectivas. Etnografia como descrição de *redes sociotécnicas* (LATOURET, 2006), ou como o escrito do conhecimento que surge do encontro entre os *sentidos domesticados* do antropó-



logo (OLIVEIRA, 1996) com o mundo do outro, estabelecendo relações de alteridade. A etnografia pode ser vista ainda como uma ficção, o lugar da *invenção da cultura* (WAGNER, 2017), ou a *descrição densa* das práticas de um grupo e sua *rede de significados* (GEERTZ, 1978); a interpretação da interpretação do nativo (GEERTZ, 1978), visto que nossos interlocutores são, eles mesmos, intérpretes de sua própria cultura, cabendo ao antropólogo, portanto, a tarefa de interpretar o esquema interpretativo do outro. No entanto, etnografia não é só descrição – embora descrever possa ser uma arte tão complexa quanto qualquer outra –, o produto do trabalho do antropólogo é teoria da descrição, é, portanto, a união de tudo aquilo que a ciência clássica positivista convencionou a colocar em oposição, ou em momentos tão separados do trabalho científico que teve por consequência um embrutecimento epistemológico intensificado que perdura até os dias de hoje em determinadas áreas do conhecimento. Neste ponto referimo-nos especificamente à antinomia entre teoria e prática, observação e interpretação, subjetividade e objetividade, como se a produção do conhecimento se desse por meio da suposta oposição clássica entre natureza e cultura, ou indivíduo e sociedade.

A etnografia que é um exercício de escrita que lança mão de dinâmicas antropológicas para entender situações e contextos culturais contidos, localizados, mesmo que esses se conectem à outras escalas de produção do social (AGIER, 2001), eventualmente esbarrando na antiga indagação acerca da validade científica e da credibilidade axiológica do campo que tal estudo pode fornecer. Nestas circunstâncias, o que está em jogo é a confiabilidade na categoria da “experiência”, do ponto de vista ou da diferenciação subjetiva entre os sujeitos da alteridade. Em suma, o que se quer saber é como um compêndio de pesquisa pautado na experiência de caminhar pela cidade – utilizando aqui o exemplo da antropologia urbana e uma de suas propostas metodológicas – pode ser interpretado cientificamente para que dele surjam conhecimentos generalistas acerca do fenômeno cultural. Felizmente, esse tipo de pensamento, a deificação da objetividade científica, vem sendo superado pela antropologia contemporânea, principalmente através do trabalho primoroso de reflexão teórico-metodológica que os antropólogos vêm desenvolvendo na produção de suas monografias com os mais diversos contextos culturais, transpondo, dessa maneira, a oposição entre teoria e empiria (PEIRANO, 2014). Assim, toda vez que se inicia um cam-



po, a antropologia é colocada em suspensão, todos nós respiramos fundo e prendemos o ar aguardando ansiosamente o momento de catarse e renovação de nós mesmos, porque “todo antropólogo está [...] constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina” (PEIRANO, 2014. p. 381).

Desse modo, o fazer antropológico não está ancorado na escolha de seus sujeitos de pesquisa, nem na temática ou nos objetos, mas sim nas próprias disposições que o antropólogo deve crescer para encarar a experiência da caminhada no espaço público, e o que importa, portanto, é conhecer o outro e “descobrir que diabos eles acham que estão fazendo” (GEERTZ, 1997, p. 89) na/com a cidade, uma vez que a cidade só existe enquanto é vivida e praticada pelos sujeitos através de suas *maneiras de fazer* e das *táticas*¹ que lhes servirão de instrumento para enfrentar o cotidiano e “suas mil caças não autorizadas” (CERTEAU, 1998). Portanto, toda disciplina possui sua própria ontologia e sua matriz epistemológica, algo que a diferencia das outras e torna seu modo de produzir conhecimento importante e indispensável ao desenvolvimento humano. Assim, o fazer antropológico só se sustenta quando estamos abertos aos *imponderáveis da vida real* e do campo (MALINOWSKI, 1978), quando aprendemos a extrair conhecimentos ou momentos de reflexão das dificuldades enfrentadas na pesquisa (BIONDI, 2017), quando a domesticação teórica dos sentidos nos permite organizar os ruídos do ambiente de interação, ou quando nos permitimos *ser afetados* por outras situações comunicacionais (FAVRET-SAADA, 2005), evidenciando como a *educação da atenção* (INGOLD, 2016) ancorada em debates acerca da reflexividade, objetificação do pesquisador na escrita e na produção do conhecimento, interpretação das relações de alteridade e construções culturais, é o que faz a antropologia ser ela mesma.

Neste sentido, poderíamos refletir minimamente acerca do trabalho de dois profissionais que se ocupam em narrar os usos (DELGADO, 2007), as práticas (CERTEAU, 1998), as sociabilidades (SIMMEL, 2006) e os conflitos da cidade. Para tanto, o que diferencia o trabalho do antropólogo que pesquisa contextos urbanos do trabalho do jornalista que produz matérias sobre a cidade, para não fugir muito da temática do nosso minicurso, são as maneiras distintas de pensar acerca dos objetos de investigação. As técnicas e métodos de pesquisa, ou apuração, podem ser as mesmas. Am-



bos realizam entrevistas, constroem cadernos de campo, produzem gravações de imagens e sons, pesquisam contextos históricos que antecedem as narrativas e descrições, e podem se valer de uma infinidade de recursos e interlocutores para contar uma história ou informar alguém, dependendo do meio de veiculação da produção técnica e seus objetivos, que também podem ser os mesmos. Portanto, cabe ao jornalista, assim como ao antropólogo, conversar com as pessoas, interpretar e descrever práticas, usos e conflitos do espaço público na cidade, estabelecendo relações entre o espaço e os tempos vividos que se sobrepõem aos eventos. No entanto, cada um desses profissionais possui uma domesticação própria de seus sentidos que orienta de formas diferenciadas as maneiras de pensar, agir e narrar os acontecimentos. Deste modo, é preciso que se saiba que, ao escrever, o antropólogo e o jornalista não estarão conversando apenas com quem eles imaginam que lerão o seu trabalho – embora esse seja um fator importante –, mas também com quem eles próprios já leram até chegarem ao momento fatídico da escrita.

No curso do qual participamos, ao ouvirmos os relatos de trabalho de nossos colegas jornalistas, entendemos que as diferenças se instituem em função da construção epistemológica, das intenções e dos diversos paradigmas que acompanham cada campo do conhecimento, sendo essa própria produção teórica orientada pelas práticas num movimento de circularidade. Um dos aspectos epistemológicos mais divergentes entre as áreas de saberes talvez esteja estabelecido na relação contraditória entre os usos dos termos “apuração de fatos” e “construção de dados etnográficos”. Se, por um lado, o primeiro termo pressupõe uma *verdade* a ser perseguida e exposta ao público, por outro, o dado etnográfico nunca será compreendido enquanto uma realidade puramente objetiva pronta a ser “coletada” em campo. Já no que diz respeito às práticas, se para o antropólogo o trabalho etnográfico está cada vez mais organizado em torno de paradigmas de autocrítica, de engajamento político e de discussões acerca do tempo metabólico necessário para se produzir uma etnografia de forma ética, para os jornalistas, as práticas de trabalho estão sendo orientadas pela urgência em satisfazer o interesse público, segundo nossos colegas de curso, num mundo cujos sistemas de comunicação exigem muita rapidez e fornecem aos profissionais condições precárias de trabalho, sendo a sobrecarga laboral um dos problemas mais evidente. Assim, os jornalistas estão sujeitos à situ-



ações cotidianas de trabalho onde, geralmente, não possuem poder de escolha de pautas, ou do número de matérias que precisam produzir num curto período de tempo, tendo que, muitas vezes, deixar de lado o zelo e o respeito ao tempo necessário para uma apuração cuidadosa e uma reflexão adequada aos processos de escrita.

Nesse sentido, o tempo metabólico para produção de um conhecimento ou uma informação importante que passará pelo escrutínio público é algo que deveria ser alvo constante de nossas preocupações profissionais. Portanto, nos parece que o antropólogo, para além de sua formação idiossincrática com sua estreita relação com a fabricação etnográfica, ainda parece desenvolver práticas de trabalho nas quais o tempo necessário de pesquisa e escrita é um fator ainda em negociação, mas dificilmente negligenciado. Assim, adiante tentaremos descrever e refletir antropologicamente acerca de uma caminhada na Avenida Hercílio Luz, no Centro de Florianópolis, propondo pensar nesse exercício como resultado de uma primeira inserção no campo que, como tal, nos possibilitou apenas uma pesquisa exploratória. Ou seja, nossa intenção não é a de construir inferências estritamente objetivas ou fechadas acerca da experiência, mas, antes de tudo, afirmar que nossas percepções e interpretações imediatas estão aqui situadas e corporificadas em saberes de perspectivas singulares.

À DERIVA, MAS NEM TANTO

“Conhecer uma cidade é, assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade”

Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho Rocha - Etnografia de Rua

Andar à deriva é um dos métodos desenvolvido por Michéle Jolé (2005) que propõe fazermos o exercício “de se deixar levar pela cidade com suas solicitações, seus encontros, suas disposições e os determinismos do lugar (p. 425). Nesse sentido, a ideia é prevenir que o olhar do etnógrafo seja moldado por expectativas anteriores, fazendo com que a recepção dos múltiplos estímulos e as impressões que dela se manifestem sejam encara-



das com seriedade num trajeto onde a imprevisibilidade dos eventos será o grande fator de apreensão do ambiente e dos usos do espaço. No entanto, mesmo que “à deriva” signifique estar sujeito aos imponderáveis do percurso, deixando levar-se pelas forças capazes de mudar a direção de um projeto no momento exato de sua concretude, o termo deve ser encarado apenas enquanto a proposta metodológica do ato de caminhar no campo, mas nunca como a total inexistência de uma bagagem teórico-conceitual por meio da qual a percepção da realidade social será orientada e sofrerá uma refração interpretativa no trabalho antropológico em função dos diversos acontecimentos cotidianos e de sua dimensão polissêmica.

Por isso, é correto afirmar que o etnógrafo da cidade que escolhe seguir a sistematização metodológica de Jolé (2005) em sua caminhada estará “à deriva”, mas nem tanto, pois as disposições que ele desenvolve em sua formação sempre lhe garantirão certa disposição analítica para seus sentidos e impressões. Neste sentido, seguimos o caminho de forma a encarar com seriedade a experiência de estar à deriva (JOLÉ, 2005), fazendo uma pequena incursão exploratória sem nos apegarmos em temas pré-definidos.

O ESPAÇO, AS IMPRESSÕES E O TEMPO

Como estabelecido no calendário do minicurso, nos encontramos com todo o grupo para realizar o exercício da caminhada na Avenida Hercílio Luz às 9 horas da manhã do dia 18 de novembro, em uma sexta-feira. O ponto de encontro marcado foi um pequeno coreto na Praça XV de Novembro. Estávamos, então, localizados no centro da cidade, onde é possível encontrar escolas, museus, comércios, serviços públicos, prédios do governo e as edificações históricas da Catedral Metropolitana e do Mercado Público de Florianópolis.

Os transeuntes ocupavam o cenário de formas diversas, seguindo com suas atividades de lazer ou trabalho, e exercendo um fluxo de alternância entre passagens apressadas e permanências despreocupadas. O fluxo de pessoas na localidade era intenso – típico do horário –, com cidadãos circulando a pé pelo comércio ou possivelmente se dirigindo aos seus compromissos. Carros e ônibus também passavam em grande número. Mas, ao adentrarmos o perímetro da praça, esse ritmo desacelerava e a quantidade de transeuntes diminuía, era como se o barulho e a atmosfera densa dos



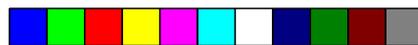
movimentos frenéticos da cidade ficassem para o lado de fora daquele reduto, bem à sombra de todo aquele caos.

O local era marcado por uma paisagem com grandes árvores, mais altas do que aquelas que costumamos encontrar em outras regiões do Centro, cujas copas estavam cheias de folhas verdes, preenchendo toda a superfície dos galhos mais altos. Por conta disso, havia bastante sombra. Essas árvores estavam posicionadas nos contornos da praça, alternando com os caminhos de acesso, que eram basicamente passagens orientadas pelas áreas de gramado que, por suas vez, eram limitadas por cercas baixas, na altura de nossas canelas. Além disso, no centro da praça encontrava-se uma árvore centenária e histórica que atualmente é um ponto turístico da cidade: a Figueira da Praça XV.

A professora Míriam posicionou-se no centro do círculo que a turma formava para dar os informes e orientações. Tendo em vista que nosso grupo era composto de pessoas com formações e origens diversas, como jornalistas, antropólogos, cientistas sociais e historiadores, esse primeiro momento de diálogo e instrução foi extremamente importante para entendermos não apenas para onde poderíamos direcionar nossos sentidos, mas também para contemplarmos quais eram os conflitos, as disputas e os usos do espaço público que geralmente aconteciam naquela região da cidade. Desse modo, fomos alertados de que a Avenida Hercílio Luz, onde faríamos o campo, representava uma localidade importante para as mais variadas práticas cotidianas de Florianópolis, e que, além disso, a calçada central da avenida, que hoje serve de passagem e de espaço ao lazer e comércio de inúmeros sujeitos, havia sido construída sobre o Rio da Bulha, o ente fluvial canalizado mais extenso oriundo do Maciço do Morro da Cruz.

Curiosos e munidos de cadernos de campo e de dispositivos fotográficos para criar registros e dados etnográficos, começamos a observar o espaço e as práticas sociais do entorno. A proposta do exercício era observar coletivamente os elementos que já havíamos discutido previamente e, desse modo, caminhar por aquele trajeto à deriva, em busca de algo que nos chamasse a atenção para além do que já constava em nossos roteiros. Durante as instruções na praça, o grupo já estava inquieto observando o cenário ao nosso redor.

Procuramos fazer o mesmo, tentando desnaturalizar nossas percepções da paisagem urbana que nos parecia muito familiar. Nesse sentido, o pri-



meiro ensaio, assim como todo o esforço que foi mobilizado durante a caminhada, estava sendo orientado por uma tentativa de domesticação dos sentidos que serviria de instrumento de apreensão e interpretação do fenômeno sociocultural que posteriormente descreveríamos.

Primeiro, andamos pela praça em busca dos bancos feitos de pedra, nos quais havia inscrições de nomes de antigos comércios da cidade. Durante a primeira aula do curso, Míriam nos contou que essas inscrições estavam sumindo, sendo apagadas pela ação dos lava-jatos utilizados para limpar os assentos, e que um jornalista local, do qual infelizmente não nos recordamos o nome, havia feito um belo trabalho em texto de reconstituição dessa memória. Naquele momento ainda não sabíamos, mas a relação entre o tempo e a transformação do espaço e das práticas seria o cerne de todas as nossas preocupações analíticas nessa caminhada à deriva, assim como expressa na história do rio escondido/esquecido e no relato acerca dos bancos com seus registros históricos em decomposição.

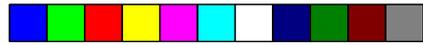
Então, tomamos nosso rumo em direção à Avenida Hercílio Luz, o trajeto oficialmente definido para realização da nossa saída a campo. Atravessando a Rua Fernando Machado a pé e chegamos em 5 minutos ao nosso destino. Nesse breve percurso, pudemos perceber como as pessoas de fora do grupo nos observavam desconfiadas. Não é sempre que nos deparamos com pesquisadores tirando fotos de tudo e fazendo registros em pequenos cadernos a cada passo dado. A figura do antropólogo como espião (ZENOBI, 2010) também já é conhecida na literatura da área e naquele momento poderíamos estar sendo vistos como tal, pois não saberíamos dizer quais os conflitos de usos do espaço público que serviam de pano de fundo para aquela trama social ao nosso entorno. De qualquer forma, mesmo os transeuntes, aqueles que não se viam estabelecidos em alguma rede duradoura de sociabilidade, que provavelmente não participavam da preocupação de possíveis conflitos, também não deveriam estar gostando de ter um grupo de pessoas estranhas bisbilhotando aspectos de suas vidas cotidianas, pois todo espaço de convívio social envolve uma gama complexa de acordos formais e informais, verbais e não-ditos, explícitos e tácitos. O que estava em jogo naquele momento também era a preservação de alguns dos bens mais caros à vida urbana moderna: o sentimento de anonimato e o direito à privacidade (SIMMEL, 2005).



A avenida é formada por duas vias de mão única de cada lado, e, no meio, um passeio para pedestres com uma larga ciclovia disputando o espaço. Possui uma espécie de *boulevard* arborizado em suas extremidades, o que acaba separando a área central de passeio das vias públicas destinadas aos automóveis. Ao chegar, a professora Míriam nos mostrou o único local no qual ainda era possível escutar o barulho do Rio da Bulha correndo, através de um bueiro que ficava bem no centro do cruzamento da Rua Fernando Machado com a Avenida Hercílio Luz. O fraco som da água competia com a cacofonia dos carros e das motos, das obras e das pessoas conversando. Em meio ao cenário conturbado, nos esforçamos para bloquear os sons indesejados e poder escutar o rio. Custava alguns segundos de adaptação dos sentidos tendo que contar com a sorte da diminuição de fluxos de carros passando, mas acabamos conseguindo.

O problema do rio escondido e, por vezes, até obliterado, visto que muitos habitantes de Florianópolis possivelmente não sabem de sua existência, pode ser interpretado acionando nossas noções de progresso e de como o futuro parece se sobrepor ao passado num jogo metafórico, mas também muito concreto nesse caso, cuja construção da imagem-tempo (DELEUZE *apud* ANJOS, 2006) acontece por meio da substituição do velho pelo novo. Neste sentido, o rio representando um elemento antigo da paisagem teve que ser coberto, escondido, e, em certa medida, esquecido, para que a Avenida Hercílio Luz acompanhasse a imagem-tempo do futuro e do “progresso inevitável” oriunda dos significados da modernidade.

A relação entre a passagem do tempo e a transformação das práticas socioespaciais não apareceu em nossa caminhada somente quando pensada em longas escalas de proporção histórica, mas também quando começamos a entender as mudanças nas dinâmicas de mobilidade e usos do espaço dentro do intervalo de tempo de apenas um dia. Um pouco mais à frente, andando em sentido ao sul, encontramos o espaço que durante a manhã servia majoritariamente de passagem para trabalhadores, estudantes e idosos, sem grandes aglomerações e encontros duradouros de sociabilidades. À noite, esse mesmo lugar era conhecido por configurar um outro tipo de ambiente, com inúmeros bares abertos ao redor, cadeiras e mesas ocupando o passeio central, e o fluxo intenso de jovens e adultos curtindo a vida boêmia. Neste sentido, é possível observar que, conforme os ponteiros do relógio correm do amanhecer ao anoitecer, o ambiente, a paisagem



em todas as suas dimensões, o perfil dos sujeitos que a ocupam, as práticas e os usos do espaço, também se transformam, instituindo, dessa maneira, momentos de encontros e sociabilidades diversos.

Portanto, o que observamos era um cenário em constante movimento, cujos contrastes estavam sendo estabelecidos por meio de modificações impostas por projetos urbanísticos, em longas escalas temporais, ou através da passagem do dia para a noite, sendo o comércio e seu público característico, nesse caso, um dos grandes fatores de construção de uma identidade socioespacial provisória. No entanto, é importante que se diga que, mesmo com a realização de grandes estudos para fundamentar e justificar as modificações planejadas pelos projetos urbanísticos, dificilmente os usos do espaço serão objetivamente previstos ou determinados por tais planejamentos (DELGADO, 2007), pois a cidade acontece como tem que acontecer, sendo a imprevisibilidade do por vir das práticas e dos usos, através da passagem do tempo, uma de suas principais características.

O próximo objeto a ser observado conjuntamente foi o chamado “paredão” da Hercílio Luz. Era uma sequência de prédios construídos imediatamente um ao lado do outro, alguns grudados fisicamente, o que, segundo a professora Míriam, gerava inúmeros “problemas técnicos”, desde infiltração e ventilação inadequada até a própria iluminação dos apartamentos. Todos os prédios dessa sequência foram construídos com 11 andares, e batizados com nomes comuns de mulheres, como o “Edifício Andrea”, ou o “Edifício Gabriela”. Os nomes estavam sempre estampados bem na frente da portaria, em proporções grandes, fáceis de enxergar por qualquer um que passe pela sua frente.

Seguindo o caminho, fomos até um último ponto para observar uma das raras casas residenciais que ainda existem na avenida. Era uma construção antiga com dois andares, ao estilo colonial e pintada de rosa. Uma das imagens-tempo do passado que habita o presente e resiste às especulações do futuro. Ao lado havia um grande terreno com um prédio ainda em construção, o que provavelmente indicava que ela não foi vendida e não teve seu terreno usado para construir esse novo empreendimento. O edifício possuía muitos andares e era revestido com as feições do tempo da modernidade, característico do que costuma acontecer em centros urbanos e, especialmente, em áreas bem valorizadas pela capital.



Então, demos meia volta e retornamos na direção de onde viemos, para a região dos bares, ainda na altura da Praça XV de Novembro, último elemento definido para nortear nossa caminhada, antes de nos separarmos e explorarmos livremente o que a cidade nos apresentaria em suas solicitações imediatas. Nesse início da caminhada livre e à deriva, reparamos que muitos adolescentes com mochilas nas costas passavam pelo passeio central de forma acelerada e aparentemente destinada, provavelmente saindo ou chegando ao Instituto Estadual de Educação (IEE), unidade escolar muito próxima da região. Além desses jovens, que muito possivelmente poderiam estar ocupando a avenida durante suas festividades noturnas, outros sujeitos que dominavam a cena eram os idosos. Alguns deles usavam o passeio para uma caminhada despreocupada, outros se dirigiam aos mercadinhos locais, uns estavam acompanhados de seus cães, e uma parcela deles ficava simplesmente sentada observando a movimentação, ao mesmo tempo em que olhava frequentemente para os dois lados parecendo procurar alguém conhecido.

Deste modo, percebemos que os encontros instituídos por sociabilidades duradouras do período matutino na Avenida Hercílio Luz eram agenciados majoritariamente pelos idosos. Em poucos metros de caminhada acompanhamos diversos acontecimentos que nos ajudaram a elaborar esse pensamento. Havia um senhor de idade sentado em um banco de pedra observando as pessoas passarem. Ele olhava para os dois lados como se estivesse aflito, mesmo que parecesse não estar correndo para nenhum compromisso marcado, pois um cobertor dobrado descansava sobre suas pernas e não havia sinal corporal algum de que ele estava prestes a se levantar e ir embora.

Passado algum tempo, seus olhos encontraram algum conhecido caminhando por perto, seu rosto se iluminou em um sorriso convidativo e ele começou a fazer um gesto com as mãos chamando a outra figura. Não demorou muito para que o outro senhor sentasse ao seu lado, estendendo a mão em um cumprimento, sorrindo largamente e começando uma boa e esperada conversa. Adoraríamos saber sobre o que conversavam, mas resolvemos deixá-los em sossego, aproveitando a companhia um do outro.

Outras senhoras e senhores idosos estavam caminhando, geralmente acompanhados, com roupas leves próprias para a realização de exercícios físicos. As mulheres usavam viseiras e os homens bonés. Os pés eram calçados com tênis confortáveis de caminhada e os passos permaneciam sere-



nos, sem pressa de chegar aonde quer que fossem. Frequentemente, víamos os pedestres cumprimentando uns aos outros rapidamente. Possivelmente a Avenida Hercílio Luz era o palco corriqueiro para seus encontros programáticos ou não.

Dizem as más línguas que os mais velhos costumam acordar muito cedo. Se isto for verdade, essas senhoras e senhores não só inauguram o café da manhã em suas casas, mas também fabricam muito cedo um cenário genuíno do espaço público com seus hábitos cotidianos, seus encontros e suas sociabilidades diversas instituídas. Para além dos trabalhadores que raramente são vistos na rua e dos jovens que passam apressados com suas mochilas nas costas, são os idosos que preenchem, permanecem e criam uma identidade própria para as práticas socioespaciais daquele período na avenida.

Voltando à esquina por onde começamos, direcionamos nossos olhares para os estabelecimentos que permaneciam fechados durante o dia, abrindo somente ao cair da noite: os bares. Poucas pessoas transitavam por ali naquele momento. A arborização dos canteiros laterais era menos cuidada, menos densa, e a calçada, o passeio, o *boulevard* e o concreto que cobre o rio se alargavam um pouco. Procurávamos os bares, mas todos se encontravam fechados, e se um possível observador não soubesse de antemão o que eram esses estabelecimentos, provavelmente ficaria sem saber. As fachadas não entregavam a verdadeira natureza boêmia do local. Tampouco explicitavam a reviravolta cultural que aconteceria dentro de algumas horas naquele mesmo pedaço, quando cadeiras, mesas, músicas e uma multidão de jovens tomaria o espaço para si, trazendo consigo uma gama diversificada de novas práticas noturnas e estabelecendo outro circuito para suas movimentações e encontros. Esta polifonia e polissemia confirmam Florianópolis como uma cidade que conhece “a heterogeneidade inumerável das ações e dos atores” (DELGADO, 2007, p. 15), e também a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo (VELHO, 2003).

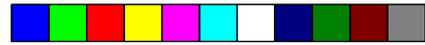
Continuamos nossa caminhada acompanhando os quarteirões que aparentavam ser exclusivamente compostos por bares, com um pequeno mercadinho em uma esquina, o Instituto de Educação, depois alguns prédios comerciais que não eram muito movimentados, o prédio dos Correios que ficava ao lado do antigo Clube Doze (agora uma construção abandonada). Nessa mesma altura da avenida também há a Casa José Boiteux, recém reformada e inaugurada, mas que não aparentava estar finalizada, uma vez



que logo na entrada era possível ver fitas amarelas e pretas, que costumam ser usadas para limitar o acesso a espaços temporariamente. Ouvimos dizer que futuramente a construção será uma espécie de museu ou centro cultural. Logo ao lado também encontrava-se o Museu da Escola Catarinense. Dois prédios para guardar a memória de um espaço-tempo em constante transformação.

Ao refazer nosso trajeto, passando em frente ao “paredão” de prédios e reparamos que havia um grupo de homens idosos ao redor de uma mesinha. Olhando com mais atenção, estavam reunidos em uma das mesas de xadrez que foram instaladas na avenida, dentro do passeio, na lateral oposta à ciclovia. Eram estruturas quadradas feitas de pedra, que possuíam um tabuleiro de xadrez na sua superfície, com quadrados em preto e branco, feito de um material diferente do resto da estrutura. Em volta estavam dispostos quatro bancos individuais feitos também de pedras. Os senhores estavam sentados ali jogando dominó. O jogo acontecia sobre a superfície de um tabuleiro próprio para isso, colocado por eles mesmos por cima do outro tabuleiro original. Sentamo-nos nos bancos da mesa imediatamente ao lado deles para podermos ouvir um pouco da conversa e registrar algumas sequências da jogatina. Havia quatro senhores, a maioria vestidos em roupas formais com camisas de botão e sapato social. O que aparentava ter a idade mais avançada, de baixa estatura, perceptivelmente o mais magro do grupo (mesmo com as roupas), era o único que usava uma máscara cirúrgica para se proteger de uma possível infecção pelo vírus da Covid-19. Parecia ser uma pessoa extremamente vaidosa, vestindo uma camisa roxa impecavelmente limpa e muito bem passada, e um chapéu ao estilo panamá. Com certeza era a figura que mais chamava atenção em meio aos demais, parecendo inclusive que estava pronto para ir a uma festa.

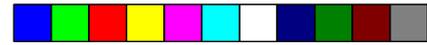
O grupo era composto por um número bem variável de pessoas. Algumas chegavam, cumprimentavam e ficavam apenas alguns minutos observando, até que iam embora. Outras chegavam e esperavam até terem a oportunidade de participar da partida. Outras ainda ficavam ali apenas assistindo e comentando as jogadas. Eram sempre quatro competidores divididos em duas duplas. Os homens que compunham a dupla se sentavam frente a frente na distribuição dos bancos ao redor da mesa, e não imediatamente ao lado do outro, tendo em vista que isso afetaria a dinâmica das rodadas. Levando em consideração, então, a ordem preestabelecida, se intercalavam, alternando entre uma jogada por vez para cada dupla.



Para começar cada partida, as peças brancas de formato retangular do dominó, também conhecidas como pedras, são postas ao centro do tabuleiro, com os números virados para baixo, sem que se possa vê-los. Então, elas são mexidas e remexidas com as mãos, em movimentos circulares aparentemente não muito ordenados, com o intuito de embaralhá-las para serem distribuídas entre os jogadores. No total, são 28 peças, divididas em 7 para cada um, e ao receber, os senhores as organizavam muito rapidamente em seu pedaço do tabuleiro, cada um de acordo com seu próprio critério. Os números gravados nessas pedras são representados em pequenas circunferências pretas, podendo conter de nenhuma até 6, e cada peça é dividida no meio, apresentando assim dois números. A intenção é combinar um dos lados da pedra com as pedras que já foram colocadas no tabuleiro, posicionando as extremidades que têm os mesmos números juntas, se tocando. A ideia é fazer isso até acabarem as 7 peças, podendo passar sua vez se for necessário. Quando faziam isso, os senhores que jogavam não sinalizavam falando, e sim fazendo gestos com as mãos, na maioria das vezes dando dois toques com o dedo ou uma peça no tabuleiro.

Na maior parte do tempo, percebemos que ficavam em silêncio, com raros comentários sobre uma jogada ou sobre a contagem da pontuação de cada dupla, e todos eram muito ágeis em suas movimentações, com certas rodadas podendo durar poucos minutos. As raras conversas que atravessam o jogo eram encerradas rapidamente de forma similar. Entre um intervalo e outro, os senhores que permaneciam em pé ao redor da movimentação traziam garrafas de cerveja e distribuía copos cheios e cigarros para os demais. Algo nos dizia que essa prática também ajudava na manutenção do ritmo da conversação e dos gestos que estávamos acompanhando. Posteriormente, descobrimos que o tabuleiro de dominó ficava guardado no mesmo bar de onde as cervejas saiam, facilitando a armação da estrutura que serve de palco aos encontros cotidianamente.

Descrevemos esse momento de sociabilidade de um grupo de velinhos com tanta minúcia porque entendemos que ele é extremamente representativo de tudo aquilo que estamos propondo enquanto reflexão antropológica neste ensaio. Nele temos um conjunto coeso de sujeitos que se encontram cotidianamente construindo uma imagem singular para o espaço público que ocupam. O jogo de dominó nos diz sobre um tempo próprio de sociabilidades, incluindo hábitos, redes de afetividade, comércio etc. O jogo de domi-



nó e os outros relatos etnográficos aqui desenvolvidos representam uma das inúmeras formas possíveis pelas quais podemos contar uma história tendo como ponto de reflexão a passagem do tempo e as transformações socioespaciais que dela decorrem. Assim, o que essa experiência etnográfica nos possibilitou entender foi que, no período matutino, a Avenida Hercílio Luz se faz por meio das práticas e dos usos das pessoas mais velhas. Pessoas essas que sairão de cena assim que a noite cair, dando espaço a outros grupos que farão brilhar uma outra avenida.

Nessa breve descrição, procuramos demonstrar como a imprevisibilidade dos acontecimentos de uma caminhada à deriva pode ser interpretada por meio da reflexão contínua acerca das práticas socioespaciais que se desenrolam no entorno. A princípio não imaginávamos, mas nossas discussões compartilhadas nos fizeram entrar na Avenida Hercílio Luz pelas vias do tempo. Sabemos que um trabalho desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória dificilmente traria respostas coerentes e fechadas para qualquer problema previamente estabelecido, por isso nos preocupamos mais em descrever os eventos supracitados ao passo que ensaiamos alguns questionamentos antropológicos acerca do campo em questão. Se pudessemos resumir nossa experiência, propondo oferecer ao leitor uma possibilidade de inserção etnográfica, pediríamos que respondesse a seguinte pergunta: como é possível entrar em campo pelas vias do tempo?

Obviamente, essa pergunta não tem uma resposta fácil, tampouco uma única solução. A resolução depende inerentemente de um olhar antropológico acerca das dinâmicas de práticas, usos e conflitos de cada contexto cultural a ser investigado. No entanto, se tivéssemos a oportunidade de continuar essa pesquisa estaríamos provocados a entender, justamente, como as imagens-tempo se cruzam no espaço público da cidade, trazendo à tona uma cartografia de significados que acionam nossas noções de passado e futuro, velho e novo, antigo e moderno, e como o presente ganha forma através das rasuras desses cruzamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma semana depois da caminhada, a turma se reuniu para socializar as impressões que cada colega teve no decorrer de sua experiência. Algumas análises foram muito similares, outras nem tanto. Cada perspectiva depen-

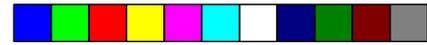


deu diretamente da área de formação e da familiaridade com o espaço que cada um tinha, além dos diversos interesses de pesquisa e das escolhas conceituais elencadas como fundamento analítico aos eventos do trajeto. Durante os relatos, relembramos como a Avenida Hercílio Luz ganha uma outra roupagem de sociabilidades com a vida noturna da região, pois, durante a noite, a narrativa do cenário como espaço praticado pelos sujeitos mais velhos, como descrevemos anteriormente, dava lugar às representações do espaço como circuito da boêmia e da festividade de uma multiplicidade de públicos com seus diferentes gostos e preferências.

Jovens, pessoas de meia-idade, e mesmo adultos mais velhos, amantes de samba, música popular brasileira ou de outros estilos internacionais, formavam outros arranjos de sociabilidades e encontros, demarcando uma identidade específica para cada estabelecimento de um circuito heterogêneo. O pedaço (MAGNANI, 2003) de cada grupo se dava em função de uma perspectiva social específica, de um estilo de vida e de sua dimensão simbólica constituída num intercâmbio de vivências entre os “mais chegados”.

Conhecer a outra história da Avenida Hercílio Luz possibilitou entender que, além das múltiplas maneiras de perceber, analisar e narrar o espaço urbano, a cidade ainda se encontra num intenso e dinâmico processo de transformação em diferentes escalas das práticas no espaço-tempo, seja em função dos diversos usos do espaço que cada período do dia instituí, seja em razão das disputas e conflitos aviltados pelos grupos de interesse. Por isso, fazer etnografia na cidade é enfrentar o desafio de narrar uma realidade em metamorfose, um movimento desenfreado onde as luzes da agitação acendem e apagam com a rapidez da transição do amanhecer ao anoitecer, e cujos significados sociais flutuam nas instabilidades do porvir, procurando amparo naqueles poucos lugares onde o curto momento de reprodução da normalidade os permite ganhar fôlego para logo em seguida serem lançados mais uma vez rumo ao incerto.

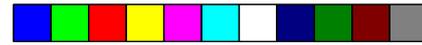
Obviamente, alguns elementos do urbano assumem um caráter duradouro, à exemplo das práticas de lazer dos mais velhos – como o jogo de dominó –, mas tudo nos faz crer que tão cedo um evento capaz de atualizar essas práticas aconteça, outra trama de usos do espaço público tomará a cena, chamando o etnógrafo mais uma vez ao desafio de continuar contando as histórias de misérias, insatisfações, ocupações, violências, lutas, rei-



vindicações, trabalhos, conquistas, derrotas, festividades, jogatinas, jocosidades, flertes, paixões, e de toda uma sorte de manifestações da vida que se vive em movimento.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. Distúrbios Identitários em tempos de globalização. *Mana*, v. 7, n. 2, Rio de Janeiro, 2001.
- ANJOS, J.C.G. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- BIONDI, Karina. Pesquisa (n)o crime: transformação das dificuldades pragmáticas em prazer analítico. *Cadernos de campo*. São Paulo, v. 1, n. 26, p. 294-308, 2017.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros*. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34 LTDA, 2003.
- CERTEAU, Michel: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELGADO, Manuel. *Sociedades movedizas*. Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Anagrama, 2007.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de Antropologia Urbana. In: *Revista Iluminuras*, v. 4, n. 7, 2003.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de campo*. São Paulo, v. 13, n. 13, p. 151-161, 2005.
- GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: A natureza do entendimento antropológico. In: *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUPTA, FERGUSON J. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: Antônio A. Arantes (org.), *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, 2016.
- JOLÉ, Michèle. Reconsiderações sobre o “andar na observação e compreensão do espaço urbano. In: *Cadernos CRH*, volume 18, número 45, Salvador, 2005.



LATOUR, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos de Campo*. São Paulo, v. 14/15, 2006.

MAGNANI, José G.C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. São Paulo, *Tempo Social* – USP, 2003.

MALINOWSKI, B. “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa”. In.: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. *Revista de Antropologia*, 1996.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SAHLINS, M. D. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. Rio de Janeiro, *Mana* 11(2):577-591, 2005.

SIMMEL, G. A sociabilidade. Exemplo de sociologia pura ou formal. In: *Questões fundamentais da sociologia: sujeito e sociedade*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 19, p. 41-68, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: *Projeto e metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Ubu Editora; 1ª edição, 2017.

ZENOBI, Diego. O antropólogo como “espião”: Das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. *Mana* 16(2), 2010.

¹ Michel de Certeau pensou a tática como uma operação utilizada em decorrência das circunstâncias. A tática não produz operações, ela apenas as usa, altera, ou modifica, diferentemente da estratégia, que estabelece uma ordem operacional para um determinado espaço, e que pretende ser constante e duradoura.



As grades invisíveis da Avenida Hercílio Luz

Elizabeth Calderón – nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1975, migrou para Florianópolis no ano 2000. Formou-se em História no ano de 2018 na Uniasselvi e fez formação continuada no IFSC em “Mediação Pedagógica”. Membro da Academia de Letras de Florianópolis. Tem contos e poemas publicados na língua portuguesa e castelhana em Espanha, Argentina e Brasil.

O que ouvimos quando indagamos sobre a história da Avenida Hercílio Luz fala da importância que teve a obra de encanamento do Rio da Bulha. Que enviar o rio ao submundo e correr os pobres morro acima deu nascimento à avenida e melhorou a qualidade de vida da região. Jornalistas, moradores, comerciantes e registros históricos concordam que, antes da obra, as margens do Rio da Bulha eram o lugar mais sujo do centro da cidade, se esquecendo de que antes de ter que conviver com o fedor da contaminação, muito antes, o Rio da Bulha era o local mais lindo do lugar, porque era um rio.

Nós, com nossos costumes e hábitos europeus, no começo do século passado, jogávamos parte do lixo no mar e os esgotos nos rios. O trágico destino do rio era previsível.

Também é fácil ouvir dizer que antes do encanamento a zona era a mais degradada; ideia sutilmente associada ao tipo de pessoa que morava no lugar, e nos parece importante destacar que o lugar não era degradado por causa das pessoas que moravam ou faziam suas atividades no local, e sim pelos hábitos insalubres da sociedade como um todo.

Para saber mais da obra de saneamento do Rio da Bulha e o nascimento da avenida, precisamos voltar até a Florianópolis das primeiras décadas do século 20 e entender a identidade daquela época.

Para ter um exemplo, em 1912 o prefeito da cidade, Henrique Rupp, decidiu abrir a Praça XV para toda a sociedade; isso porque até então a praça tinha grades. As grades retiradas foram inauguradas pelo “presidente” da província de Santa Catarina, Gustavo Richard, em 1891 (Culleton, 2020, p. 30).

Na reportagem “Marco turístico de Florianópolis, a história da figueira da praça XV tem muitas versões” do Jornal *ND*, Paulo Clovis Schmitz nos



conta que as grades que cercaram a praça foram forjadas na Inglaterra:

A cerca metálica foi retirada em 1912, durante mais de 20 anos protegia madames que ali conversavam e vigiavam as filhas, enquanto empregadas domésticas ouviam galanteios de operários, soldados e marinheiros junto às calçadas externas. Ela teria sido um ponto de vendas de gêneros alimentícios e animais e também serviu de pelourinho para o castigo de escravos até o início do século 19. (SCHMITZ, 2017)

Diante de uma sociedade conservadora, classista e segregacionista, a retirada das grades foi um símbolo importante das mudanças que estavam ocorrendo no seio da sociedade na segunda década do século anterior. Partes dessas grades foram reaproveitadas na maternidade Carlos Correia, localizada na atual Avenida Hercílio Luz (Culleton, 2020), a qual dia 18 de novembro de 2022 percorremos a pé, num intento de reconstruir um pouco de sua história.

Há muitas maneiras de conhecer a história de um lugar, e uma delas é perguntando às pessoas; por isso, quando na altura do número 1209 da Avenida encontramos a “Molduras e Artes Galeria”, entramos para conhecer a loja e conversar com Natalia, dona do comércio e curadora.

— A senhora têm uma galeria de artes na Avenida Hercílio Luz! — dissemos, admirados.

— Sim, há 23 anos. Antes disso, estávamos um pouco mais na frente.

— Que nos pode contar desta rua?

— Nesta rua a maternidade é a mais antiga.

— Lembra-se de alguma coisa da história da Avenida?... Alguma mudança que ficou em sua memória?

— Sim, sim, uma mudança muito importante, uma melhoria, foi a cobertura do rio (que antes aqui era um rio), aí surgiu a modernidade, que foi muito bom.

A modernidade em Florianópolis, seguindo o padrão de outras cidades brasileiras mais urbanizadas, veio inspirada no modelo europeu, formulada pelo liberalismo em vigor e atendendo as demandas da elite da cidade: “Percebe-se que o saneamento urbano, através das normas de higiene, acaba evidenciando a arquitetura da cidade como símbolo que separa os homens de acordo com sua classe socioeconômica, justificando, assim, o poder de um segmento sobre o outro” (GERBER, 1998, p. 32).



Até o final do século 19, o Brasil carecia de uma estrutura sanitária, não havia abastecimento de água, esgoto nem depósito de lixo em lugar adequado. O projeto moderno de higienização foi implementado ao longo das primeiras décadas do século 20 como parte de uma política pública nacional, com o discurso ancorado no combate à doenças como varíola, febre amarela, sífilis, tuberculose, meningite, cólera etc.

As grandes obras de saneamento em Florianópolis começaram com a administração de Gustavo Richard, entre 1906 e 1910. Carioca e filho de francês, Gustavo Richard instalou a energia elétrica e implantou o almejado sistema de abastecimento de água (GERBER, 1998, p. 33).

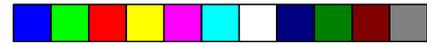
Segundo a autora, em 1919 teve início a obra da primeira avenida da cidade, conhecida hoje como Avenida Hercílio Luz, inaugurada em 1922. A avenida tornou-se símbolo de progresso e limite entre a zona central e a periferia. O espaço foi reorganizado e a pobreza migrou para os morros.

Natalia, da galeria de arte, conta-nos que outra melhoria muito importante, segundo suas próprias palavras, “foi a melhoria do hospital e maternidade Carlos Corrêa, que é a mais antiga. Ela é muito famosa cá entre os manezinhos”.

Lembrando que as grades que dividiam as classes na Praça XV foram reaproveitadas na maternidade mencionada por Natalia, atravessamos a rua e entramos no dito hospital procurando informação. Formos orientadas a virar a rua e perguntar no asilo que pertence à mesma fundação do Irmão São Joaquim e lá tivemos a sorte de encontrar Ana Paula.

— A única coisa que eu sei — contou ela — é que quando tiraram as grades da Praça XV elas vieram para cá, porque nossa instituição é centenária, ela é de 1902, e foi inaugurada em 1910, então ela recebeu essa parte das grades para reaproveitar. Nosso presidente, o Hipólito, ele é filho do professor Nereu, professor da UFSC e historiador. Ele escreve sobre cultura açoriana, inclusive sobre nossa história, da Associação do Irmão São Joaquim.

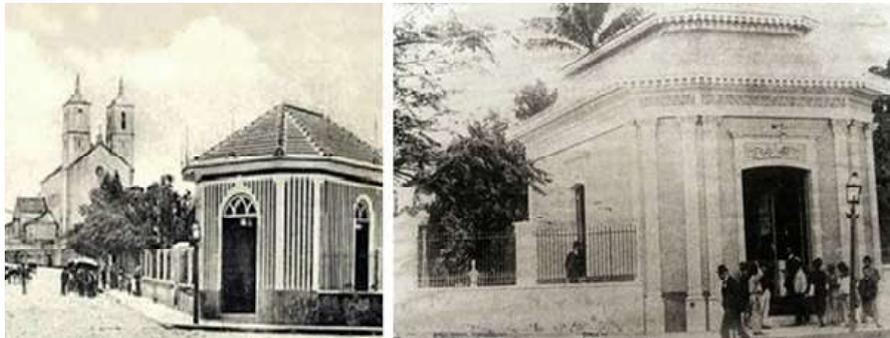
Ao finalizar a colheita de dados voltamos para o ponto onde iniciamos a jornada. Olhamos para a beleza do bulevar, a frondosidade das árvores, o paredão de edifícios, o comércio, a via gastronômica. Com a reorganização, o espaço interno ficou bonito. Os bancos, a trilha vermelha, a Praça Olívio Amorim. Algumas pessoas passam em pleno exercício de caminhada, as mesas de xadrez ainda estão vazias, uma moça termina de pitar o cigarro no



instante em que acabam os 10 minutos de pausa no trabalho. Por cima das árvores se levantam as grades que nos separam uns dos outros. Grades que, apesar de invisíveis, a história diz que estão ali, separando o centro da periferia, o Morro da Caixa do bulevar.

Algum dia as grades serão removidas de vez. Deixaremos de fingir que não estão ali. Para isso será necessário caminhar bastante, pelos lugares que cremos conhecer, ouvindo a história das pessoas e de objetos que ainda não contaram sua versão.

Figura 1 - Café Royal e Café Comercial, um em cada esquina da Praça



IHGSC

Figura 2 - Grades reaproveitadas na Hospital Carlos Corrêa



Imagem da autora - 18/11/2022

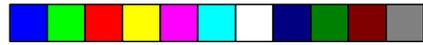


Figura 3 - Natalia. Molduras e Arte Galeria



Imagem da autora - 18/11/2022

REFERÊNCIAS

CULLETON, Billy. Histórias inéditas da Florianópolis Antiga (1900-1920). *Floripa Centro*, Florianópolis, 2020. In: <https://floripacentro.com.br/wp-content/uploads/2020/10/E-book-Historias-ineditas-da-Florianopolis-antiga-1900-1920-Compactado.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GERBER, Diana. O Saneamento em Florianópolis: Projeto de Modernização e Estratégias de Poder. *Esboços*, histórias em contextos globais. Florianópolis. Vol 6, No 6. UFSC. 1998. In: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/513>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SCHMITZ, Paulo Clovis. Marco turístico de Florianópolis, a história da figueira da praça XV tem muitas versões. *Jornal ND*. Florianópolis, 05/02/2017. In: <https://ndmais.com.br/noticias/marco-turistico-de-florianopolis-a-historia-da-figueira-da-praca-15-tem-muitas-versoes/>. Acesso em: 10 dez. 2022.



Uma etnografia da espera: os agenciamentos do tempo pelas pessoas em situação de rua da Avenida Hercílio Luz

Guilherme Vasconcellos Leonel – Graduando em Jornalismo pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Localizada no centro da cidade de Florianópolis e com 1.400 metros de extensão, a Avenida Hercílio Luz é uma das principais vias de trânsito da região no município, ligando as avenidas Mauro Ramos e Governador Gustavo Richard. Mais do que isso, a via é singular entre os principais veios urbanos da capital catarinense por uma disposição singular: a presença de um calçadão entre as duas ruas, que funciona como via de passeio para pedestres e ciclistas e é ocupado por mesas de bar e boêmios depois que o sol se põe. A presença do boulevard faz da Avenida Hercílio Luz um espaço propício para a realização de atividades como a etnografia, que, segundo Eckert e Rocha (2003) consiste na “exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas «sem destino fixo» nos seus territórios.” (ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C., 2003, p. 4).

É ao realizar esta atividade que outra presença se faz notar ao caminhar pelo calçadão da Hercílio Luz: são os indivíduos em situação de rua que fazem da avenida e seus arredores seu lugar de “habitação”. Estes podem ser identificados entre os frequentadores que passam as tardes no passeio pela presença de cobertores enrolados e malas ou mochilas cheias com seus pertences, que carregam consigo durante o período diurno, enquanto a rua ainda é ocupada pelos outros habitantes da cidade e está livre para que eles a utilizem como lugar de repouso.

Durante a atividade de caminhada pela avenida, realizada como parte do minicurso “Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo: Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação do Espaço Urbano”, não foi incomum identificar a presença destes sujeitos, chamou também a atenção a postura adotada por eles, que em diversos momentos, caminhavam pelo calçadão, sentando-se em bancos ou ocupando-se de organizar seus pertences, em uma atitude que parecia trair uma constante espera. Esses hábitos saltavam mais aos olhos por fugirem dos comportamentos tradicionalmente observados entre indivíduos que vivem em situação de rua,



que costumeiramente usam o período do dia para realizar atividades que garantam suas condições de subsistência, como coletar material reciclável ou pedir esmolas e doação de alimentos aos transeuntes. Essas práticas são especialmente imperativas entre essas populações devido à condição urgente e instável em que vivem, sendo obrigados a diariamente garantir os requisitos mínimos de sua sobrevivência. A aparentemente espera, então, levou ao questionamento sobre como estes indivíduos ocupam o tempo até a hora em que podem usar os espaços da avenida para dormir, e que significados eles produzem a partir deste agenciamento cronológico.

Assim, partindo do proposto por Bachelard (1988) de que “o ritmo de ação e de inação parece-nos inseparável de qualquer conhecimento do tempo.” (BACHELARD, 1988, p.41), o que este ensaio propõe é indicar caminhos para uma investigação sobre o período em que estes sujeitos se encontram do momento em que despertam, e a rua passa a ser ocupada pelas atividades urbanas corriqueiras, até o momento do esvaziamento do espaço e, conseqüentemente, ocupação do tempo com o repouso. Mais do que isso, dado o contexto em que os indivíduos em situação de rua se encontram, em uma rotina cuja temporalidade se vê atravessada por estes ritmos que dependem das interações urbanas, fazendo da espera uma presença constante nos seus hábitos diários, cumpre também questionar, “o que acontece [...] quando essas relações temporais, lacunas e intervalos passam de ser fenômenos temporários para figuras mais permanentes e difusas” (JANEJA, M. K.; BANDAK A., 2018, p. 2, tradução minha).

De acordo com a caracterização da espera oferecida por Janeja e Bandak, ela “deve ser conceitualizada simultaneamente como uma figura em si mesma e como um gatilho para diversas formas de energia social” (JANEJA, M. K.; BANDAKA., 2018, p. 1, tradução minha). A espera em si é caracterizada pelos autores como “um engajamento particular no, e com, o tempo” (idem, p. 1, tradução minha) em que “por um período, curto ou estendido, um indivíduo ou grupo encontra-se em uma situação em que o que é ‘esperado’ ou antecipado ansiosamente não foi ainda realizado” (ibidem, p. 1, tradução minha). É a partir desta relação particular com o tempo, em “relação central com as figuras de esperança, dúvida e incerteza” (ibidem, p. 1, tradução minha) que este trabalho busca analisar o fenômeno da espera entre os moradores de rua da região da Hercílio Luz, seus sentidos e temporalidades.



Para tanto, apresentaremos alguns possíveis caminhos que podem ser explorados em uma futura investigação da espera neste contexto.

A ESPERA, A MEMÓRIA, O ESPAÇO

Além da relação longitudinal dos indivíduos com o tempo, outro aspecto a ser investigado, numa etnografia da espera é a relação latitudinal que estes sujeitos estabelecem com a espera como uma experiência que atravessa verticalmente o andamento do cotidiano. Para tanto, Bachelard apresenta um ponto de partida para a reflexão ao relacionar a espera com a memória, afirmando que ela “fabrica localizações temporais para receber as recordações” (BACHELARD, 1988, p. 49). Assim, uma vez que “o tempo pensado é o tempo vivido em estado nascente” (idem, p. 76), o que parece ser sugerido é que também no agenciamento da espera pelos indivíduos em situação de rua, o “tempo pensado” assume uma antecedência em relação ao “tempo vivido”, e que os sentidos e as práticas adotados durante a espera podem ser orientados e organizados pelas experiências anteriores destes sujeitos, e pelas expectativas que são animadas por elas.

Investigar o agenciamento da espera pela memória também permite questionar como as relações sociais construídas por estes indivíduos afetam tanto as lembranças compartilhadas que orientam o processo de espera quanto as práticas realizadas durante este período, seguindo as “localizações sociais da memória”, classificados por Bachelard como não apenas “uma instrução histórica, mas bem mais uma vontade de futuro social” (idem, p. 48).

Neste aspecto, é impossível não levar em consideração o papel desempenhado pela própria Avenida Hercílio Luz na produção e acionamento destas memórias, atuando como condutor e organizador das lembranças dos seus “moradores”, conforme havia proposto Halbwachs (1990) ao afirmar que “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita, e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Ainda que esta proposta de trabalho se debruce prioritariamente sobre as relações com o tempo, este é inextricavelmente envolvido com o espaço, em especial no grupo a ser pesquisado, que estabelece usos particulares das instalações públicas, o que faz com que a dialética entre estes sujeitos e



a localidade, organizados pela relação com o tempo de sua residência no espaço urbano possa ser parte da investigação, uma vez que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

A POLÍTICA E A POÉTICA DA ESPERA

Outra possível linha de investigação parte do que Janeja e Bandak classificam como a Política da Espera e a Poética da Espera. Política da Espera é descrito pelos autores como “os engajamentos com condições estruturais e institucionais que compelem as pessoas a esperar” (JANEJA, M. K.; BANDAK A., 2018, p. 3, tradução minha). No caso dos indivíduos em situação de rua da Hercílio Luz, estes engajamentos podem referir-se às relações com as forças de segurança pública como a Guarda Civil Municipal ou a Polícia Militar, ou ainda com os serviços de assistência e apoio geridos pelo poder público, como os albergues, as unidades de atendimento de saúde e os espaços que oferecem alimentação gratuita ou a baixo custo para as populações de baixa renda. Uma vez que “a espera foi, e tem sido cada vez mais, utilizada como um instrumento para provocar formas particulares de subjetividade ou como ferramenta para tornar a existência intolerável para certos grupos” (idem, 2018, p. 3, tradução minha), convém questionar como esta ferramenta pode ser utilizada intencionalmente por estas instituições para intermediar a sua relação com os grupos de indivíduos moradores de rua do local, e como estes respondem ao uso destes mecanismos.

Já a Poética da Espera refere-se às “*affordances* existenciais de ser posicionado em relações temporais, lacunas e intervalos cujo desfecho é incerto” (JANEJA, M. K.; BANDAK A., 2018, p. 3, tradução minha). Ao observar a espera a partir de uma perspectiva “poética”, os autores afirmam ser possível averiguar como o “uso ativo de e a leitura de signos, e performances sociais, assim como ambiguidades e indecisão em meio aos esforços humanos atravessam forças individuais e coletivas de ação” (JANEJA, M. K.; BANDAK A., 2018, p. 3, tradução minha). Assim, a Poética da Espera forneceria os subsídios para questionar como a relação



com a condição de espera molda e é moldada pelas interações dos indivíduos engajados nesta dinâmica, suas possibilidades criativas e destrutivas, e as conexões entre elas.

PRÁTICAS E TÁTICAS TEMPORAIS

Um último tema a ser investigado no contexto dos agenciamentos do tempo pelos indivíduos em situação de rua da Avenida Hercílio Luz diz respeito às táticas e usos deste tempo pelos indivíduos em situação de rua.

Partindo do proposto por Certeau (1994) de que a tática é “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio” (CERTEAU, 1994, p. 100), ou seja, formas de dispor de condições que são impostas ao indivíduo por contextos e estruturas que tem maior agência sobre ele e o meio, uma prática exclusiva do “não-lugar” determinada pela ausência de poder. Ou seja e levando em consideração a aparente pouca agência destes sujeitos em romper com o ciclo da espera, outra via de investigação sugerida por este trabalho é como estes utilizam as “falhas que as conjecturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário” (idem, p.101).

Ao qualificar as táticas como produto do “senso de ocasião”, Certeau localiza-as no tempo, em oposição ao espaço – lugar da estratégia e do poder proprietário – e a investe da faculdade de tirar proveito das circunstâncias para obter vantagens efêmeras e nunca cumulativas, mas que, no entanto, ainda dão aos seus usuários agência sobre a própria situação, e permite que eles se relacionem de forma produtiva com contexto em que estão inseridos. Assim, se as táticas são “procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo [...], à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço [...], aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos” (CERTEAU, 1994, p. 102), parece ser apropriado fazer o movimento contrário e questionar qual é a pertinência que o tempo, na condição específica da incerteza e suspensão da espera, dá às táticas.

Uma vez que a espera uma forma específica de engajar-se com o tempo, a escolha, e a aplicação de táticas, bem como sua efetividade, aderência e rejeição pelos diversos sujeitos imbricados nas relações deste grupo social para uma “hábil utilização do tempo” (CERTEAU, 1994, p. 102) parecem apontar para uma proximidade com a Poética da Espera e uma reflexão sobre o “consumo” do tempo e da expectativa, como “uma arte de utilizar



aqueles [produtos] que lhe são impostos” (ibidem, p. 94), possibilitando a autonomia destes sujeitos para “metaforizar a ordem dominante, [fazendo-a] funcionar em outro registro” (ibidem, p. 95).

CONCLUSÃO: ESPERANDO PELA ESPERA

O que tentamos com este ensaio foi propor algumas possíveis linhas de investigação para uma etnografia da espera entre os sujeitos em situação de rua no arranjo específico da Avenida Hercílio Luz, no centro de Florianópolis. Naturalmente uma revisão mais criteriosa e extensa da bibliografia pertinente a cada uma destes temas de pesquisa se faz necessária, assim como um enquadramento mais específico dos problemas de pesquisa sugeridos em cada sessão.

De modo bastante humilde, o que este ensaio procura é inserir o proposto por Bachelard de analisar “como se constrói uma duração, como as permanências do ser se fundem no nível de seus diversos atributos” (BACHELARD, 1988, p. 8) a partir destas variadas sugestões de investigação orientadas ao redor dos eixos da espera, da incerteza e da condição espacial em que se encontram os indivíduos em situação de rua nesta singular e emblemática avenida da capital catarinense. Ao fazer isso, procuramos apontar perspectivas para entender “o lento ajuste das coisas e dos tempos, a ação do espaço sobre o tempo e a reação do tempo sobre o espaço” (idem, p. 8). A espera é “uma forma de tornar-se emergente entre na própria oscilação entre dúvida e esperança, mas também de suspender ambos” (JANEJA, M. K.; BANDAK A., 2018, p. 5, tradução minha), cuja investigação ainda é pouco difundida dentro do campo antropológico, apesar de a espera ser uma experiência praticamente indissociável de nossa relação com o tempo.

Ademais, como afirmado por Janeja e Bandak, investigar a espera enquanto objeto etnográfico permite-nos lançar luz também sobre o papel metodológico que ela exerce sobre nosso próprio trabalho antropológico, como lidamos com o tempo e suspenso, orientamos nossas expectativas e negociamos com as incertezas e indefinições temporais que inevitavelmente irão se impor sobre nós no curso de nossas pesquisas, análises e reflexões.

Por isso, propor uma etnografia da espera entre os indivíduos em situação de rua que “residem” na Avenida da Hercílio Luz é “explorar etnograficamente



quais formas as ações, pensamentos e relações sociais adquirem em diversos engajamentos no, e com, o tempo” (JANEJA, M. K.; BANDAKA., 2018, p. 2, tradução minha), permitindo assim intuir de que forma este corte vertical na experiência sincrônica da rotina produz os sujeitos e é, reflexivamente, produzido por eles a partir das “várias maneiras de estar e habitar o tempo por meio da espera” (idem, p. 5, tradução minha).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.

BALANÇO GERAL FLORIANÓPOLIS. Avenida Hercílio Luz resgata a história de Florianópolis. *ND+*. 11 Jul. 2019. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/avenida-hercilio-luz-resgata-a-historia-de-florianopolis/>. Acesso em: 24/11/2022.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.

CULLETON, Billy. Um século da Avenida Hercílio Luz em imagens – Do Rio da Bulha à canalização e cobertura total. *Portal Floripa Centro*. 11 jul. 2019. Disponível em <https://floripacentro.com.br/um-seculo-da-avenida-hercilio-luz-em-imagens-do-rio-da-bulha-a-canalizacao-e-cobertura-total/>. Acesso em: 24/11/2022.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de e na rua. estudo de antropologia urbana. In. ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 21-46.

JANEJA, Manpreet K., e BANDAK, Andreas. (orgs.). (2018). *Ethnographies of Waiting: Doubt, Hope and Uncertainty*. New York: Routledge. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003085317>. Acesso em: 24/11/2022.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.



Na ‘Luz quem ilumina o cenário são os personagens

Warley Alvarenga – estudante de Jornalismo na UFSC

À primeira vista, a Avenida Hercílio Luz pode parecer uma via como qualquer outra. Carros em profusão poluem o ar que se respira. Edifícios com mais de cinco andares bloqueiam a luz do sol em alguns pontos. De cabeça baixa, pessoas encaram a tela do celular enquanto caminham. Entretanto, ao pararmos por alguns segundos e observarmos a avenida, seja às 12 horas em frente ao Clube Doze ou à noite nos botecos, não importa o momento, de tudo um pouco se encontra na primeira avenida de Florianópolis.

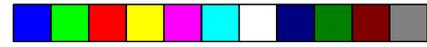
Além de todas as suas particularidades e história, a Avenida Hercílio Luz abriga também personagens singulares, como um *Spider-man* que dorme no alto dos prédios e que, quando necessitado, afirma se alimentar de folhas das árvores que enfeitam a via.

A partir de um processo de observação de um trecho da avenida, durante visita na manhã do dia 18 de novembro de 2022, foram registrados, em fotografia, alguns momentos e personagens que despertaram atenção.

Aqui respira o rio

Onde hoje carros trafegam, no passado, um rio corria. Ainda corre, mas para vê-lo é preciso olhar dentro do bueiro (no detalhe)

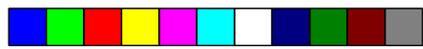




Comercialização da arte

Para complementar renda, o retratista vende suas obras na Avenida Hercílio Luz e mantém a esperança de que um dia sua arte será reconhecida

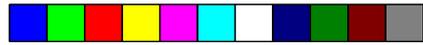




O início da muralha

O “Paredão” que se estende por parte da Avenida Hercílio Luz é lar de dezenas de pessoas e ponto para comerciantes





12

Antes palco de grandes eventos e celebrações, hoje o Clube Doze sofre com abandono e especulação imobiliária



44



Indigna de respeito

Placa da prefeitura na Praça Olívio Amorim. Procure ajuda, pois a prefeitura não vai te ajudar





Florianópolis, SC, 2023

